



Cathedral d'Anvers

Entre os importantes edificios d'Anvers, existe a igreja dedicada á Santa Virgem denominada de Nossa Senhora, que é, sem duvida, um bello monumento gothico. É incerta a data do começo da sua fundação; julga-se que foi pelo meado do seculo XIII e que ali trabalharam durante oitenta annos. Este soberbo edificio foi erecto em cathedral em 1559, pelo papa Paulo

IV, a instancias de Philippe II. Tem 500 pés de fundo, 230 de frente e 360 de alto; 125 columnas sustentam 230 arcadas abobadadas, de cada lado tem uma dupla nave. Não ha muitos annos que o numero dos altares, de marmore de Italia, era de 52. Nos dias de festa, o altar-mór, que foi elevado em 1624, sob o desenho de Rubens; era guarnecido com uns cem tocheiros e casticaes de prata macissa. Admirava-se n'este templo a custodia de ouro macisso, cravejada de diamantes e ricas pedras preciosas, donativo feito por Francisco I, rei de França. Toda esta riqueza foi subtrahida em 1797 pelos agentes da república franceza. Esta igreja apresentava então o triste espectáculo das ruínas. Mr. Herbouville, prefeito do departamento des Deux-Nèthes, fel-a restaurar em 1810, por ordem do imperador. O côro, que Carlos-Quint fez construir em 1521, e de que elle pôz a primeira pedra, foi demolido em 1798.

A torre, de pedra de talhe, tem 466 pés de altura, alguns pés de menos que a de Strasbourg; é preciso subir 622 degrãos para chegar á ultima galeria; a prodigiosa elevação e a delicadeza com que é trabalhada chamam a attenção dos viajantes. Foi começada em 1322, segundo o plano e desenho do architecto Amelius, e completamente acabada em 1518. A torre, que lhe devia ficar parallela, ficou terminada na primeira galeria. Em 1540, assentaram um carrilhão composto de 60 sinos.

Ao baixo da torre está inscripto o epitaphio do celebre pintor Quintinus Matsys, concebido n'estes termos: *Connubialis amor de mulcibre fecit Apellem.*

Quintinus Matsys tinha exercido a profissão de ferrador, por espaço de vinte annos, e enamorando-se da filha de um pintor, este declarou que só daria sua filha a um pintor como elle. Matsys larga o martello e lança mão dos pinceis e inflammado pelo amor dentro de pouco tempo esboçou o retrato de sua mestra, e á força de preserverança chegou a pintar quadros e esposou a sua amada. Foi para perpetuar a lembrança do motivo que tinha operado esta methamorphose de Matsys, que fizeram aquella inscripção, que se lê agora com difficuldade.

Entrando na igreja de Nossa Senhora pela nave principal, vê-se e admira-se a magnifica clara-boia. O tecto representa a Virgem cercada por um sem numero de anjos.

Entre os magnificos quadros tornam-se notaveis os da Assumpção de Maria, a Ascensão, o descimento da cruz, a visitação da Santa Virgem, e a purificação do Menino Jesus.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo é il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 136)

VIII

Um tanto nos demorámos em lastimar a tragica morte de Bonifacio VIII; e é tempo de voltarmos á apreciação da *Historia de Florença*.

Machiavel narra com o necessario desenvolvimento as numerosas e por vezes ensanguentadas dissensões da sua patria, demorando-se em averiguar as causas, notando os insufficiente remedios que eram applicados a esses males, e fazendo observar que a victoria de um partido trazia já consigo o germen da destruição d'elle; e a origem de novas desgraças.

Apenas n'uma ou n'outra miudeza dos factos lhe notam os Italianos alguma inexactidão; mas no todo, e na essencia das cousas, logra a reputação de verídico e imparcial.

Na *Historia de Florença*, reunio Machiavel á verdadeira eloquencia histórica a profundeza do pensamento; e, na Italia, foi elle o primeiro historiador que traçou e executou um plano largo, empregando uma linguagem nobre, elegante, e as formas que estavam consagradas nos exemplos dos historiadores antigos. A Italia tinha já, é verdade, o bem conhecido *Villani*; mas a historia d'este ultimo, aliás muito recommendavel pelo estylo, e pela chaneza da narração, não se elevava acima da cathegoria das chronicas. Os outros historiadores nem sequer igualavam Villani, embora estimaveis por alguns titulos.

Não obstante algumas incorrecções grammaticas que escapáram a Machiavel, é certo que foi elle um escriptor admiravel, cabendo-lhe a gloria de enriquecer e fixar a sua formosissima lingua. *Lo stile de Machiavello*, diz um escriptor italiano, *si mantiene dopo circa a tre secoli, fresco come nacque, e le frasi di cui fece uso son quelle che ancora si adoperano.* Não foi, pois, sem rasão que um poeta compoz o seguinte epitaphio, que devia ser gravado no tumulo de Machiavel:

Hetruscae Machiavellus honos et gloria linguae.

(Honra e gloria foi Machiavel da lingua etrusca.)

Machiavel adoptou dos antigos historiadores, e particularmente de Tito Livio, o exemplo de pôr na boca dos personagens os discursos que proferiram, ou antes se presume haverem proferido. É este um genero de declamação que obriga os historiadores a uma grande despeza de rhetorica; e, geralmente fallando, são mais proprios da historia dos povos livres, do que da dos que vivem sob os governos absolutos: n'estes ultimos, o homem obra, e não rompe o silencio. É difficil attribuir aos personagens discursos adequados; aquelles, porém, que Machiavel proferé passam por ser adaptados ao caracter dos seus protogonistas, verosimeis, senão verdadeiros, e alguns rivalisam em eloquencia com os dos antigos historiadores. Ha uma circumstancia que honra infinitamente o caracter de Machiavel. A sua *Historia de Florença* é dedicada a um papa (*Clemente setimo*), e este papa era da familia dos Medecis, — e quando vem a proposito dizer algumas verdades, não hesita em dizel-as, exprimindo-se com o maior desembaraço e nobre independencia. Haja vista ao que elle diz no Livro 1.º: — «Di modo che tutte le guerre che dopò questi tempi (*depois da queda do Imperio do Oriente*) furono dá barbari fatte in Italia, furono in maggior parte da i Pontifice causate, & tutti i barbari che quella inundarono, furono il più delle volte da quelli chiamati. Il qual modo di procedere dura ancora in questi nostri tempi; il che ha tenuto & tiene la Italia

disunita & inferma... E vedrassi come i Papi, prima con le censure, dipoi con quellè, & con l'armi insieme, mescolate con le indulgentie, erano terribili & venerandi, & come per haver usato male l'uno & l'altro, l'uno hanno al tutto perduto, del altro stanno à descretion d'altrui.» (1)

Fallando das Cruzadas, exprime-se com a maior franqueza emquanto aos motivos que levaram Urbano II a passar a França: — «Era pervenuto al Pontificato Urbano II, il quale era in Roma odiato; & non gli parendo anche poter stare per le disunioni in Italia sicuro, si volse ad una generosa impresa, & se ne andò in Francia con tutto il Clero, & ragunò in Anversa molti popoli, à i quali fece una oratione contro alli infedeli, per la quale intanto accese gli animi loro, che deliberarono far l'impresa d'Asia contra i Saraceni; la quale impresa, con tutte l'altre simili, furono dapoi chiamate Crociate, perche tutti quelli che vi andarono erano segnati sopra l'armi & sopra i vestimenti d'une croce rossa.» — (2)

Veja-se a afouteza com que falla do nepotismo, por occasião de tratar Nicoláo III (*di Casa Orsina, huomo audace & ambitioso*); a morte toma de improvizo este Pontifice no meio dos seus projectos, e é então que Machiavel se exprime n'estes termos: — Ma con questi, pensieri si morì, & fu il primo dè Papi che apertamente mostrasse la propria ambitione, & che disegnasse, sotto color di far grande la Chiesa, honorare & beneficiare i suoi. Et come da questi tempi indietro nõ si è mai fatta mentione di nepoti ò di parenti di alcuno Pontifice, cosi per lo avvenire ne fia piena la historia, tanto che noi ci condurremo à figliuoli; ne manca à tentare à i Pontifici, si non che come eglino hanno disegnato infino à i tempi nostri di lasciargli Principi, cosi per lo avvenire pensino di lasciare loro il Papato hereditario. Bene è vero che per infino à qui, i Principati ordinati da loro hanno havuto poca vita; perche i più delle volte i Pontifici por vivere poco tempo, ò ei non fornisco di piantare le piante loro, ò se pure le piantano, le lasciano con si poche & deboli barbe, che al primo vento, quando è mancata quella virtu che le sostiene, si fiaccano.» —

— Mas deixou de existir quando estes pensamentos o occupavam. Foi o primeiro papa, que abertamente mostrou a ambição propria, e concebeu o designio de liberalisar honras e benefi-

(1) Eis aqui o sentido do que diz Machiavel: — De modo que as guerras dos barbaros na Italia, desde a queda do imperio do Oriente, foram pela maior parte causadas pelos pontifices. Dura ainda n'estes tempos um tal procedimento; e d'aqui vem o estar a Italia desunida e fraca... Ver-se-ha como os papas, primeiramente com as censuras, depois com as censuras e com as armas, de mistura com as indulgencias, eram objecto de terror e veneração, — e como, por terem feito ruim uso de tudo, tudo perderam, e estão por fim à mercê de outrem. —

(2) Como se dissesse: — Subíra ao pontificado Urbano II. Era elle odiado em Roma; e parecendo-lhe que não estava seguro na Italia, em rasão das desuniões que ali havia, voltou o pensamento para uma empreza generosa. Passou a França com todo o clero; e reunindo em Clermont (Auvergne) muitos povos, discursou contra os infieis, logrando inflamar os animos, e os resolveu á jornada da Asia contra os Sarracenos. Esta empreza e as demais que se lhe seguiram, da mesma qualidade, vieram a denominar-se Cruzadas, em rasão de que todos quantos a ellas se associaram, traziam sobre as armas e sobre os vestidos uma cruz vermelha. —

cios aos seus parentes, sob pretexto de engrandecer a Igreja. Assim como nos precedentes tempos não se faz menção de sobrinhos, nem de parentes de pontifices, assim pelo tempo adiante estará a historia de tal modo cheia, que afinal havemos tambem de encontrar filhos. Só falta que os pontifices tentem uma cousa, e vem a ser que, tendo já deixado principes os seus parentes, se lembrem por fim de lhes legarem o papado. E' bem certo que os principados que atégora formaram, hão tido pouca vida; pois que os pontifices, por viverem pouco tempo, ou não pódem plantar, ou se plantam, deixam a arvore com tão poucas e fracas raizes, que ao primeiro sacudimento da ventania, por falta da virtude que sustenta, se despedaçam e quebram. —

— Prosequiremos no estudo do bello livro de Machiavel — a *Historia de Florença*.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

EGREJA DE SAINT-DENIS

(Continuado de pag. 134 — Vide gravura)

Passamos a referir a origem que as lendas dão á predilecção de Dagoberto pela abbadia de S. Denis. Na sua infancia, este principe, para se vingar de seu preceptor, fez-lhe uma injuria, que passava pela mais cruel nas idéas daquella época: cortou-lhe a barba e com ella um bocado de pelle do queixo. Perseguido por ordem de seu pae, o joven principe refugiou-se na capella sagrada a S. Denis, invocou-o, e uma mão invisivel impedio os soldados de transpôr os umbraes. Um tal serviço valia bem um signal de reconhecimento.

Depois d'esta circumstancia a abbadia não figurou mais senão no reinado de Pepino o Breve. O principe, depois da sua sua sagração em S. Denis, em 754, mandou demolir a antiga egreja e fez começar outra em escala mais ampla. Falleceu antes de terminado. Seu filho Charlemagne cedendo ás supplicas de Fulrad XIV, abade de S. Denis, fez continuar os trabalhos, e concluiu-se a egreja, e em fevereiro de 775, em presença do imperador e de toda a cõrte, teve logar a sagração.

Suger, abade de S. Denis, e regente do reino, durante a primeira cruzada emprehendida por Luiz o Joven, fez demolir em parte a basilica e fel-a construir ainda mais opulenta, tendo Luiz VII collocado a primeira pedra a 14 de julho de 1140. Ficou completamente concluida no espaço de quatro annos. Suger empregou ali os artistas mais celebres da época, e caprichou na decoração da sua nova egreja, empregando magnificos vidros.

Apesar do zelo que Suger teve na construcção d'este monumento parece que descurou a parte essencial como é a solidez, porque cem annos depois a egreja ameaçava ruina.

Eudes Clemente, que governava então a abbadia de S. Denis, decidio-se a reconstruil-a, e a solicitação sua, o rei S. Luiz e a rainha D. Branca de Castella, sua mãe, contribuíram com os seus donativos para esta obra de piedade.

Os trabalhos começados em 1231, só foram terminados em 1281, no reinado de Philippe o Bello, debaixo das vistas e cuidados de Matheus de Vendôme, que, como Suger, tinha sido regente de França durante a segunda cruzada emprehendida por S. Luiz, em 1270.

Antes da revolução ainda se viam em S. Denis vidros representando actos de S. Luiz, e de outros mais antigos que deviam ter pertencido á basilica elevada por Suger. Foram destruidos em 1799, tendo-se empregado o chumbo para fazer balas. Cinco annos antes, tinham tirado, para o mesmo uso, o que cobria o telhado da igreja, que, durante muitos annos, ficou exposta ao tempo, e até chegaram a formar o projecto de a demolir, para se fazer n'aquelle terreno um mercado; mas, na época do dominio do consulado, quando as idéas estavam mais asseptes, resolveram reedificar este bello monumento, e logo que Bonaparte foi aclamado imperador fez acivar os trabalhos, que, como consul, tinha ordenado e confiado ao architecto Mr. Legrand.

A 20 de fevereiro de 1806 Napoleão fez expedir o seguinte decreto: «A igreja de S. Denis é consagrada á sepultura dos imperadores. Um capitulo, composto de dez conegos, é encarregado de servir esta igreja, os quaes hão de ser escolhidos d'entre os prelados de mais de sessenta annos, e que estejam impossibilitados de continuar o exercicio das funcções episcopaes. Gosarão, n'este retiro, das honras, prerogativas e tratamentos inherentes ao episcopado. O esmolemór de Sua Magestade é o chefe d'este capitulo.»

Esta instituição conservou-se durante a restauração e ainda existe.

O mesmo decreto ordenava a erecção de quatro capellas na igreja, tres nos logares dos sepulchros dos reis das tres primeiras gerações, e a quarta no logar dos sepulchros dos imperadores. Devia inscrever-se em grandes mesas de marmore os nomes dos principes ali depositados.

Os trabalhos da restauração proseguiram sob as ordens de Mr. Cellerier até 1813, época em que foram confiados ao talento de Mr. Debret, ao qual, quatro annos mais tarde, juntaram Mr. Mesnoger. Tudo o que podia esperar-se d'esta associação, realisou-se plenamente.

A igreja de S. Denis, edificada e restaurada por diferentes vezes, apresenta na irregularidade das suas partes os gostos diversos que têm dominado com a successão dos seculos. Todavia o conjuncto d'este vasto monumento é de um bello gothico. A fachada, de 104 pés de larga, tem tres portas ornadas de esculptura do mais barbaro estylo. Por cima da porta principal está um baixo relevo, representando Jesus-Christo rodeado de santos, e por baixo a resurreição universal. Os umbraes têm a parábola das virgens do evangelho.

Por cima da porta que olha para o meio dia, está representado S. Denis commungando na prisão. Nas ombreiras vêem-se, n'uma serie de curiosos baixos relevos, trabalhos agricolas, em allusão aos doze mezes do anno.

Finalmente, por cima da porta do norte, o grande baixo relevo, que se fez de novo em 1771, representa S. Denis e seus companheiros conduzidos ao supplicio. O resto da fachada não tinha outros ornamentos além de um grande ornato em forma de rosa, que foi substituida por um relógio. O cimo da fachada é coroado, á altura da origem das torres, de setteiras abertas em 1358 pelos monges, na época em que o rei João, feito presoneiro na batalha de Poitiers, abandonou a França á pilhagem e á devastação dos inglezes.

As duas torres deviam ser eguaes, mas a do meio dia, nunca teve agulha, e foi afinal terminada com um remate desproporcionado. Contém o sino grande, dado por Carlos V, em 1372, e quebrado muitas vezes, foi refundido em 1508 e em 1758. Este sino, muito estimado, pesa 14:000 libras, tem oito pés e oito polegadas de diametro, e cinco polegadas e dez linhas de espessura, e o badalo pesa 500 libras. A torre do sino grande tem 180 pés de altura, e a do norte, terminada por uma agulha de chumbo, elevada por Suger, tendo sido destruida por um raio em 1219, foi de novo feita de pedra por Eudes Clemente. Tinha oito sinos mais pequenos, dos quaes um estava destruido desde tempos immemoriaes, e dos outros nenhum se conservava no seu prumo natural. As torres e a fachada, bem como os dois primeiros arcos da nave foram mandados fazer por Suger, e a differença notavel da esculptura no cruzeiro e na nave prova que estas duas partes não datam da mesma época.

A capella-mór é uma das mais ricas que existem nas igrejas de França; é toda de marmore do Egypto e o frontal do altar é ornado de baixos relevos em vermelho com vinte e quatro figuras representando Jesus Christo, a adoração do Menino pelos pastores; e de folhas de vinha e espigas de trigo e muitos outros ornatos que por milagre escaparam na época da revolução.

Terminamos declarando que os apontamentos d'esta descripção foram tirados de um escripto antigo, e fazemos esta declaração porque supponmos que a igreja de S. Denis foi, depois da revolução, época posterior á data d'aquelle descripção, restaurada em muitos pontos, em que estava arruinada.

REPTO ORTHOGRAPHICO

São quasi todos os grammaticos de opinião que, o signal orthographico (•) a que damos o nome de til, denotava primitivamente letra supprimida na palavra.

Se bem que, além d'este uso, tambem serve hoje para marcar o som nasal da vogal sobre que, se põe, não desdiz em cousa alguma o uso moderno do antigo costume, porque os sons nasales são formados pela junção das vogaes ás letras *m* e *n* que o til supprime nelles.

— «*Ã*» no fim de palavra diz *an*.—É uma auctoridade que o affirma, pois que é o sr. Antonio Feliciano de Castilho quem falla.

No meio e principio de palavra temos para exemplo a forma porque os antigos escreviam; v. g.: *bãco*, *têpo*, *iteiro*, *respõsabilidade*, *ûtura*, etc.; *banco*, *tempo*, *inteiro*, *responsabilidade*, *untura*, etc.

Jeronymo Soares Barbosa parece exceptuar que se escreva indifferentemente a syllaba nasal pondo o til sobre a vogal ou fazendo-a seguir de *n*, quando lhe seja immediatamente posposta outra vogal; isto, porem, não nega que o til seja equivalente a *n*, e que no logar d'elle se colloca: porque, se das palavras *acções*, *ladrões*, *cães*, etc., resultam *acçones*, *ladrones*, *canes*, etc., expressões inadmissiveis, facilmente se prova a origem etymologica d'aquelles termos, que assim menos duvida deixam da sua directa procedencia da lingua latina, onde se encontram com pequena e

até nenhuma differença, como se vê nas equivalentes — *actiones, latrones, canes, etc.*

Accepta esta doutrina incontestavel, a favor da qual adduziremos um outro exemplo, ainda mais attinente ao fim que nos propozemos, afirmando que a voz — *põe* — do verbo *pôr* é o *ponit* ou *pone* do latino *ponere*, não podemos deixar passar em silencio uma falta que, parece, corre despercebida até dos nossos mais distinctos escriptores; queremos fallar das terceiras pessoas do plural do presente do modo indicativo dos verbos *ter* e *vir*, *tenere* e *venire* latinos: uns escrevem *tem*, *vem*, em ambos os numeros; outros *teem*, *veem*; outros *têm*, *vêm*; e outros finalmente *têem*, *vêem*, confundindo estas duas ultimas vozes, a primei-

ra com a terceira pessoa de um verbo nunca visto *têar* ou *têer*, e a segunda com a do verbo *ver*; mas nem por isso menos disparatada que qualquer das outras.

Provado como deixamos que o *til* substitue o *n*; sabido outrossim que as terminações *ent*, *unt* e *iunt* dos verbos latinos da 2.^a 3.^a e 4.^a conjugações correspondem 'naquelles e ainda 'noutros tempos á terminação portugueza *em* o que se realisa em *tenent tõem*, *ponunt põem* e *veniunt võem*, e em muitas outras vozes de verbos cuja citação julgamos desnecessaria, porque se não hão de escrever assim aquellas terceiras pessoas dos verbos *ter* e *vir*, e seus numerosos compostos?

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.



Uma rua no Cairo

A cidade do Cairo, que os Arabes chamam *Misr-el-Kahira*, é a capital do Egypto, assente na margem direita do famoso rio Nilo. A sua população anda por duzentas e sessenta mil almas.

Esta cidade tem muitos palacios e grandes edificios, lindas mesquitas, diversas casas de banhos, bazares, jardins e cemiterios notaveis. O celebre Pacha Mehemet-Ali a aformoseou grandemente; e os viajantes, em tamanho numero nos nossos dias, muito se deliciam em a percorrer curiosos.

A nossa estampa representa especialmente uma

rua do Cairo, e de proposito a offerecemos á consideração dos leitores, para que tomem conhecimento da architectura singular dos edificios, que bordam as ruas estreitas d'aquella notavel cidade.

É curioso ver, os grupos de mussulmanos, nos diversos trajos, que muito á vontade estanceiam nas ruas, demorando-se a conversar, tão remansados como se tivessem diante de si uma eternidade. Ahi vemos tambem o extravagante typo das mulheres mussulmanas, todas encobertas com os longos véos, ficando-lhes apenas descobertos os olhos.

A cidade do Cairo que ainda ha poucos annos estava em mui difficil communicacão com o mar vermelho, está hoje ligada a elle por meio de um caminho de ferro; podendo dizer-se que acabou o deserto que a separava das regiões orientaes.

As ruas do Cairo, ainda as mais compridas, em vez de terem um só nome, mudam de denominação a cada instante. Existem oito grandes communicacões: 1.º tres longitudinaes; 2.º cinco communicacões transversaes, das quaes tres vão do Nilo á cidadella. As ruas chamam-se *sekket* e *derb*, e são em numero de 300; as travessas e os becos chamam-se *atfet*, e são tambem em grande numero.

O numero das portas da cidade é consideravel; algumas das interiores são antigas e de uma bella architectura.

Já tivemos occasião de dizer que o Cairo tem diversos jardins. Cumpre agora observar que diversificam elles dos da Europa; mas se não se prestam como os nossos ao passeio, offerecem todavia logares muito apropriados para tomar o fresco, e repousar deliciosamente, taes como os elegantes kiosques cobertos de verdes e aromaticas plantas.

Os cemiterios no interior da cidade são numerosos; fóra do recinto da cidade encontram-se fileiras de tumulos. Em geral n'esses cemiterios vé o espectador bastantes columnas, uma profusão de marmores, de esculpturas, de ricos ornatos; mas, pela maior parte, falta-lhes o encanto da verdura de arvoredo.

Quizéramos fallar com a devida extensão ácerca dos bazarés, das mesquitas, dos banhos, e de outros monumentos e estabelecimentos publicos; mas não o permite a especialidade do assumpto da nossa estampa.

ORIGENS DA POESIA HELLENICA

O HYMNO, A EPOPEA E O DRAMA

por **Emilio Burnouf**

(Continuado de pag. 128)

III

Vou-me occupar agora das origens do drama, para que desapareçam completamente do espirito do leitor quaesquer duvidas que tenha ácerca dos progressos feitos na sciencia das litteraturas desde a morte de Otfried Muller até aos nossos dias.

Pertence á Grecia a gloria do drama assim como a do hymno pertence á India: a gloria da epopea é-lhes commum.

O drama, nascido na Grecia nos tempos historicos, seguiu no seu desenvolvimento uma lei extremamente simples e facil de descobrir. Os dois elementos que o constituem são o côro e o dialogo, isto é, a orchestra e a scena. Quando encontramos o côro no theatro moderno e no romano é uma imitação, e não o vemos senão em um pequeno numero de dramas. Na Grecia desapareceu elle da comedia desde o tempo de Aristophanes, no começo do seculo IV; mas a tragedia conservou-o até ao fim. Á medida que nos approximamos das origens vemos o dialogo ir-se reduzindo a proporções menores e o côro pelo contrario augmentar em extensão. Em al-

gumas das tragedias d'Eschylo occupa elle quasi toda a peça e sabe-se que ainda pouco tempo antes d'este poeta a funcção do actor reduzia-se a uma simples narraçãõ. Finalmente, se nos transportarmos a uma época anterior a essa primitiva, o actor ainda não existe, e o côro é tudo. Podemos portanto formular essa lei assim: no drama o côro e o dialogo desenvolveram-se na rasão inversa um do outro.

O problema das origens reduz-se a saber o que era este côro e como elle gerou as duas formas do drama. A philologia comparada derrama sobre este assumpto a maior luz e resolve as difficuldades que Otfried Muller não venceu; mas antes de apresentar estas soluções da sciencia moderna, é necessario dizer alguma coisa sobre o culto de Baccho, de que nasceram as duas formas do drama.

Baccho, como se vé no sexto fragmento homerico, não é o vinho, mas sim a força viva e divina que está no licor sagrado; este licor era no Oriente o suco da asclepias acida, a *sôma*; no Occidente, cuja flora não possui aquella planta, foi e é ainda o vinho. Baccho está presente n'este licor de vida, o mais alcoolico de todos, e o mais apto para alimentar o fogo, aquecer o que o bebe e exaltar-lhe o coração e o pensamento. A historia de Bacho é a do vinho. Nascido dos fogos solares, teve por pae a Jupiter que com um raio o fez sair do seio morto de Semele; Semele, a loira, cujo nome não é grego, é a *Somalatâ* dos hymnos indianos, a planta sarmentosa que produz a *sôma*; é o cacho de uva considerado como mãe do licor sagrado. Quanto ás suas amas ora velhas ora remoçadas por Medéa são os sarmentos da vinha que envelhecem todos os annos e que o agricultor renova podando-os.

Esta theoria de Bacho tem na Grecia a forma d'um mytho cujos pormenores tem pela maior parte um sentido obscuro. Esta falta de clareza é produzida por duas causas que se encontram em quasi toda a mythologia dos gregos; os nomes dos personagens, dos seus attributos e dos objectos do seu culto, são em geral palavras estrangeiras de que a lingua grega não dá nem o sentido, nem a etymologia; e em segundo lugar as theorias primordeaes deram origem a lendas, as idéas abstractas tomaram um corpo, e as forças da natureza concebidas pelo espirito tornaram-se divindades. Com o correr dos tempos os povos nas suas emigrações esqueceram a theoria e não conservaram senão a lenda; supprimiram a metaphisica e guardaram os symbolos religiosos. Estes tambem depois, tendo perdido o sentido, não satisfaziã já os espiritos mais esclarecidos pela civilisação e passaram a ser simplesmente objectos d'arte; porém hoje que possuímos no Vêda um monumento muito antigo, onde o periodo das lendas está no começo, mas em que ainda se conserva o da metaphisica, temos n'elle a explicação de quasi todos os mythos da Grecia e dos outros paizes arjos. Reunindo tudo o que nos hymnos do Vêda diz respeito ao licor sagrado, á planta que o fornece, á preparacão, aos usos e aos effeitos da *sôma*, e substituindo ao vegetal da Asia a vinha que lhe occupou o lugar no Occidente, obtem-se em resultado a-theoria de Baccho como a escriptura santa dos Aryos nol-o apresenta.

Tudo o mais é consequencia d'isto: não ha um unico pormenor quer do mytho, quer da festa d'este deus cuja interpretação natural não saia d'ali. A festa, que é a das vindimas, compõe-se necessariamente de duas partes, uma religiosa, mystica e grave, a outra popular, entusiastica e grotesca. A cerimonia liturgica é um sacrificio no altar, em que o duplo corpo da offerta é o vinho e o bode, e onde o hymno tinha o nome de dithyrambo; o vinho era o deus, offerecendo-se a si próprio e mostrando a sua força vital pela actividade que dava á chamma do fogo sagrado em que se derramava; o bode era immolado porque para fazer um odre era necessario um d'estes animaes. Ora, sendo a morte de um animal considerado como um acto anti-religioso pelos Aryas primitivos, auctores dos sacrificios, offereciam os bodes mortos a Baccho para serem absolvidos do peccado de os matar. É erradamente que a escola allemã vê no sacrificio do bode um acto de vingança contra um animal que róe as vinhas.

(1) Em primeiro logar a vinha é uma planta de encosta, a cabra é um animal de monte; quasi nunca se encontram, e além d'isso os rebanhos tem os seus pastores. Accresce a isto que nunca, pelo menos na nossa raça, cerimonia alguma religiosa nasceu d'um sentimento de vingança. As nossas religiões são theorias metaphysicas inspiradas por uma elevada concepção da natureza, e os nossos ritos são acções de graças e de amor; o que vemos n'elles é a adoração.

Na occasião em que o sacerdote, adorando a Baccho, lhe offertava o animal immolado, os cantores entoavam o hymno chamado o *canto do bode*, tragedia.

A festa popular das vindimas representava com os trajos apropriados o cortejo completo de Baccho. Era de tarde que elle descia a encosta, pelas vinhas, rindo, cantando e saltando, formando a *thiase* mais ruidosa e grotesca que se póde imaginar. Na frente vinha n'um burro Sileno, o odre obeso cheio de vinho novo, ou o proprio Baccho coroado de parras e vestido da cõr doirada da uva; seguiam-se os satyros, cabreiros dos montes vindos á festa, e os pans (em sanscrito *pāna* lagareiros e bebedores de mosto; Còmos personificando os desejos que a embriaguez produz; as ménadas vindimadoras, que representam na mystica sagrada o ferver do vinho, emfim, os centauros (os *gandharvas* dos hymnos) seres symbolicos cuja significação se encontra no Vêda, e em que se resumem todos os perfumes nascidos do sol e que se exalam da terra. O cortejo era seguido por uma multidão tumultuosa e louca. As pinturas antigas e os baixos relevos representam muitas vezes Còmos em separado rodeado de mancebos com archotes e coroados de parras, tocadores de flauta marchando em cadencia ou dançando e bobos trajando de amarello. Todas estas figuras, que estão animadas por uma alegria louca, cantam e chama-se a isto o canto de Còmos, a comedia. Omitto aqui os demais pormenores enumerados por Muller na sua *Archeologia da arte*. Còmos é tambem muitas vezes acompanhado por Erós, o amor; vão de braço dado como amigos e companheiros. Algumas vezes

(1) Esta primeira rasão não é de grande força — parece mesmo provar contra o que o auctor diz, porque não ha monte sem encosta.

Còmos é substituido por Erós, o que nos dá a significação exacta de Còmos, que não é palavra grega. Os Doricos chamavam-lhe *Kimos*; ora *Kama*, personificação dos desejos e da alegria, foi sempre na India objecto d'uma festa campestre que tem as maiores analogias com a de Baccho.

Não quero levar mais longe esta exposição de um dos mysterios mais profundos e ao mesmo tempo mais graciosos e singelos da sociedade antiga. É facil de comprehender como do *canto do bode* e da festa de Còmos nasceram as duas formas do drama. Para isto bastou que se realisassem as condições externas e, como costumamos dizer hoje, que o meio se achasse preparado, porque as creações litterarias são como os seres vivos cujos germens não se desenvolvem senão n'um meio propicio. Ora, estas condições resumem-se n'uma só, que Otfried Muller não podia de modo algum comprehender por causa da sua admiração apaixonada pelos Doricos e das tendencias aristocraticas e feudaes do seu espirito: esta condição é a liberdade, liberdade na vida civil e politica, liberdade religiosa, liberdade da arte e do pensamento. Não posso crer que os Doricos tivessem todas as virtudes que Muller lhes attribue. Apesar d'elles terem dado o seu nome a um modo musical, a uma ordem d'architectura e a um dialecto, o que elles produziram é muito pouco. Na vida civil conservaram com obstinação um systema de desigualdade que se oppoz á sua multiplicação, e reduzio no espaço de alguns seculos, de 9000 a 300 o numero dos Spartanos. Na ordem politica defenderam pertinaz e violentamente os principios feudaes que tinham trazido da Asia e aquella falsa liberdade que não era senão para elles e que tinha por base a desigualdade. Quando veio a guerra estrangeira, aquella nobreza sem dinheiro traio a causa commum, fez alliança com os Persas, introduzio na Grecia a sua acção dissolvente e preparou a escravidão da patria. Em religião, nenhum progresso, a letra morta, o rito sem a intelligencia. Nas letras e nas artes, esterilidade quasi absoluta.

Assim, quando a cultura da vinha, sem duvida trazida ou conservada por elles, se espalhou no mundo jonio e com ella o culto de Baccho, logo que principiaram a ter applicação os principios de liberdade e de egualdade promulgados por Solon, viu-se nascer o drama. Juntou-se ao cõro sagrado um recitador das aventuras de Baccho; foi esse o primeiro actor. Seguiu-se-lhe logo outro, e a narração transformou-se em dialogo. Para serem vistos e ouvidos pelo povo, subiram a um estrado de madeira e representaram a tragedia em quanto o cõro bachico cantava o hymno em volta do altar; mas para que se realisassem essas transformações era necessario que o poeta fosse independente do sacerdote e livre das peias da religião.

(Continua)

A NATUREZA CONQUISTADA PELA AFEEIÇÃO

A seguinte fabula de Phedro demonstra que o homem póde resistir ás leis da natureza, mas que se deixa vencer pela beneficencia. Ha uma excepção, bem vergonhosa para a humanidade, que não permite estabelecer como regra geral a verdade d'este aphorismo, é a ingratição:

Sentidos brados sollava desmandado cordeiro

por entre numeroso rebanho de descuidosas cabrinhas. Dos magoados balidos pungido um cão, lhe diz d'est'arte:

— Estás enganado, louco, tua mãe não está aqui; deve andar acolá onde pastam aquellas ovelhas.

— Eu não procuro, respondeu o cordeiro, aquella que por seu prazer me concebeu, que me trouxe como fardo ignoto durante um certo numero de mezes, cujo termo ambicionou, para alijar a carga e desprezar-me. Mas aquella que me nutriu offerecendo-me as suas tetas, e que, para me não abandonar, subtraiu a seus proprios filhos uma parte do seu leite.

— Apesar d'isso has de preferir aquella que te trouxe em seu ventre.

— Não assim. D'onde soube ella se eu nasceria negro ou branco? e ainda quando o soubesse, que bello serviço me fez dando-me á luz, pertencente a um genero que a cada hora do dia espera o cutello do carniceiro! O seu poder é nullo só pelo facto de me ter parido. Por que razão a deverei eu preferir áquella que de mim se compadeceu, vendo-me estendido sobre a relva e voluntariamente se mostrou benevola com seus cuidados verdadeiramente maternas?!
É a affeição e não a lei da natureza, a necessidade ou o acaso, o que faz os verdadeiros parentes.

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

FLORILEGIO CLASSICO

Os tormentos da sede no deserto

Nós repousámos hum pouco, & em saindo a Lua nos pozemos a caminho, metendo-nos pelo sertão, onde se não vião mais que areas soltas, & câpinas desertas. Esclarecendo o dia de 10 de abril saio o sol mais quente do q já mais se vio naquellas areas: começámos logo a sentir a calma, & não menos a sede q nos matava: os chiqueis de agoa q levavamos, tinhãose esgotado: nenhu da cõpanhia tinha gota: & o peor era, q não havia esperanças de se achar mais q bem de noite, & as horas erão de meio dia: metia eu balas na boca para humedecer a lingua; mas foi de balde o remedio, porq o mesmo chumbo parece tinha perdido a humidade.....

Os olhos se adiantavão a ver se davão fé de alguma agoa: a cada passo me parecia q via adiãte hu rio: foscas q faz aos olhos todo este deserto; porq como tudo nelle seião planicies a perder de vista, discriminadas huas das outras cõ hus montes de area mudavel, representase a quẽ caminha ser alagoa, ou rio que corre, a planicie q vê ao lóge: & ainda q eu tinha experiencia de huns destes enganos, cõtudo não deixava de enganar com outros, enfadãdome muito de q os cõpanheiros me deseganasem dizendo, que não era rio o que parecia, mas sua apparencia.

Gemêdo, & dãdo ays fui caminhando, ou, para dizer melhor, deixandome levar do cavallo, por algumas horas, mais perto da outra vida, q da agoa desejada; quãdo pelas tres da tarde demos com hua alagoa jũto de hua Mesquita: primeiro tiverão os cavallos fãro, q nós vista da agoa: em lhe cheirando, botão a correr, sã haver quẽ os tivesse mão: porque a sede fazia tãbẽ nelles seu effeito; & metendose pela agoa, se deixou o meu cair nella, não podêdo sopportar já sede,

moscas, & calma tireime de cima do cavallo, & atollãdo no lodo, saí para fora todo molhado: quizemos matar a sede, mas a agoa não era doce, senão salgada, & tal, que segũdo se cõta, bebẽdo della o P. fr. Cypriano Francisco, arrebetou logo. Alli vimos seus ossos mal enterrados. Algum refrigerio senti dentro de mi cõ a agoa, que pelos poros me entrou no corpo; porẽm tornãdo logo a sede a reforçarse, me vi em ansias de morte. Dos cõpanheiros nenhum fallava palavra, atento cada hum a buscar remedio para a sede que padecia.... Em fim mais mortos que vivos, tivemos vista de hũ pastor atrabio, q apacõtava cabras naquelle Deserto: fomonos a elle de carreira, persuadidos q ou teria agoa cõsigo, ou alli perto: achamola entre hum tabual, mas de tal casta, qual eu nunca vi agoa; porque era quente como de caldas, & não matava a sede: cõ tudo bebemos della, & descansámos hum pouco, lavámos o rosto, & demos de beber aos cavallos. Ao pôr do sol chegámos a huas tẽdas de Arabios, os quaes nos derão leite fresco e agoa fria: cõ elles quizera eu ficar aquella noite; porẽ houve de tornar ao caminho, por se temerem meus cõpanheiros daquelles tão charitativos Arabios.

(Viagem da India, que fez por terra para Portugal o P. Godinho. Cap. XIX. pags. 114 e 115).

DOLOR

Virá um e outro abril,
E envolto em flores—dirá:
«Já a terra tem verdores,
«E as aves cantam amores.
Vamos, vem, desperta...
Já

«Vem chegando as andorinhas.
«O que é, diz, que as chama cá?
«Senão os mimos do sol,
«Que lhes afagam a prole.
«Vamos, vem, desperta...
Já

«Estremece e abrolha a arvore,
«Que mil fructos te dará.
«Sorri toda a natureza,
«A fera perde a braveza,
«Vamos, vem, desperta...
Já

«Das estações a mais doce,
«Que outra mais doce não ha,
«Traz aos seres vida nova,
«Tudo nos campos renova,
«Vamos, vem, desperta...
Já

«Folga o pobre de contente,
«Que a festa vigor lhe dá.
«É universal a festa.
«No mundo nada te resta?
«Vamos, vem, desperta...
Já...»

— «Detem-te; perdi a amante.
«Sim—nada me resta já!
«A festa, o mundo—que importa!
«Para mim, depois que é morta,
«Já Primavera não ha.»

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.